

MEMORIAL DE FRANKFURT

Wolfgang Ratke

APRESENTAÇÃO

Sandino Hoff

Wolfgang Ratke (1571 - 1635) pertence à história da pedagogia como uma das mais importantes personalidades. Inaugurando a “nova arte de ensinar”, 20 anos antes de Comênio, situa-se naquela demonstração sempre válida que o novo se introduz somente com muitas lutas, dificuldades e abnegações.

Algumas citações da vasta obra de Ratke poderão dar uma idéia básica sobre seu pensamento social e educacional. Começamos com a responsabilidade por ele atribuída ao Estado:

“O soberano deve ordenar que todas as crianças sejam instruídas principalmente na leitura, na escrita e no cálculo. Estes três ensinamentos formam a base de todo estudo sério e são absolutamente necessários à vida prática” (Tratado sobre as Funções do Soberano, cap. VII).

Em 1622, externa a opinião de que a educação da juventude pertence unicamente à autoridade superior política. Ao Estado não compete apenas a iniciativa de criar escolas mas também a responsabilidade da organização administrativa e pedagógica do ensino. A universalização do ensino, exposta em vários livros, encontra-se no “Tratado de Administração Escolar” em que Ratke adverte: “A boa educação deve ser dada pelos pais e mestres da escola. Deus o ordena e a autoridade secular há de erigir escolas públicas”. (Cap. XIX e VII). Em “O Regulamento do Ensino de Köthen para o novo Método de Ensino”, reafirma a mesma idéia: “Todas as crianças, sem exceção, devem estar na escola” (Cap. II, art. 17). Em “O Regulamento de Weimar”, um regulamento escolar elaborado em 1619 por Kromayer, à base dos livros de Ratke, está prescrito:

“Todas as crianças, todos os jovens, devem com toda a seriedade serem mantidos na escola. Os pastores e os professores devem esforçar-se para que nas aldeias e nas cidades todos aprendam a ler, escrever e contar. É obrigação do Estado e dever de toda a comunidade” (Regulamento de Weimar, art. 16).

O compromisso com a escola era partilhado por todos. A chamada à escola era feita com os meios de comunicação mais eficientes da época: “É dever do pastor anunciar do púlpito o início das aulas e citar o nome de todas as crianças em idade escolar” (Regulamento de Weimar, art. 1º).

Ratke preocupou-se em dar efetivo encaminhamento à prática escolar, propondo que o soberano nomeasse uma delegação de quatro pessoas para assegurar o caminho regular da escola, pessoas julgadas as melhores, as mais sábias e as mais representativas da burguesia; estas controlavam as atividades escolares em todo o território e inspecionavam os serviços escolares da igreja. Por sua vez, deviam criar um corpo de inspetores, recrutado entre os membros do Conselho ou da burguesia, tementes a Deus, afáveis, experimentados e possuindo senso público (V. Id., cap. IV).

Lutou a vida toda para explicar seu método, instalar prédios escolares, preparar professores e implementar sua arte de ensinar nas escolas. Após sua morte em 1635, seu projeto educacional não teve prosseguimento, embora alguns sábios, como Tomasius, Schupp e outros conhecessem a obra pedagógica e a tivessem utilizado em seus projetos de cultura nacional.

Na metade do século XVIII, a burguesia, quando entrou na luta pelo poder e quando, na Alemanha, tornaram-se vivas as forças progressistas, utilizou intensamente as concepções da pedagogia ratiqüiana. Basedow foi o principal. Apareceram editadas algumas obras como a de Frank “Sobre Ratke e sua Arte de Ensinar” e a de Lindner “De Methodo Ratiqüiana”. Este atribuiu a não utilização da pedagogia de Ratke por muito tempo “aos incompreensíveis laços do conjunto dos homens com o velho”. Quase todas as obras do pedagogo alemão continham na capa a figura da mitologia antiga em que Hércules levanta do chão o gigante Anteu porque este nutria suas forças em contato com o solo. A frase que acompanha a figura é: “Ratio vicit, vetustas cessit” (A razão venceu e o velho desapareceu).

Massmann, em 1827, merece atenção com seu livro “Wolfgang Ratke e sua Arte de Ensinar”. Para ele, Ratke era um homem do povo, forte e decidido. “Afiou o machado para cravá-lo na raiz do mecanismo da escolástica a fim de fazer nascer a semente das recentes forças livres” (Massmann. Ap. Hohendorf, 1957, p. 10). Niemeyer, de 1850 a 1846, publicou “Comunicações sobre Wolfgang Ratke”. Krause, em 1872, editou “Wolfgang Ratke à luz de suas cartas e como didático em Coethen e Magdeburgo”, um livro tendencioso. Vogt apresenta excelente material de arquivo e torna conhecido o pedagogo entre 1876 e 1881. Nesse período, publica “Wolfgang Ratke, o precursor de Comênio”. Com respeito a esta obra, escreve Hohendorf: “Infelizmente, o autor não relaciona os escritos de Ratke com os movimentos progressistas de seu tempo. As lutas que Ratke susteve com as reações feudais e eclesiásticas também ficaram ausentes” (Hohendorf, 1957, p. 11).

Em 1877, Mueller edita as obras que Ratke escreveu em Gotha. Em 1884, Ratke aparece nas páginas da enciclopédia pedagógica de Kehr; em 1894, na de Gressler “Os Clássicos da Pedagogia”. A primeira edição dos “Escritos de Ratke” surge em 1892/93 na “Reimpressão dos Textos Pedagógicos”, em dois pequenos volumes, apresentados por Stoetznner.

Como se percebe, a pedagogia de Ratke foi retomada principalmente à época dos sistemas nacionais de ensino que, na Alemanha, coincidiu com a unificação política. No século XX, porém, as edições de suas obras foram escasseando. Seiler editou alguns livros de Ratke, mas Comênio começou a ganhar terreno nas publicações. Israel escreve um tratado, comparando os dois mestres. Tem-se informações sobre alguns seminários que foram realizados na metade do século XX, mas a reedição de livros chama a atenção. Assim, em 1859, Ising edita o livro de 332 páginas, intitulado “Escritos de Wolfgang Ratke para a Gramática Alemã”; Hohendorf, em 1857, edita “A Nova Arte de Ensinar. Escritos Pedagógicos de Ratke”. O livro de Rioux “L’Oeuvre Pédagogique de Wolfgang Ratichius”, sai à luz na França, em 1963. Os três livros citados reeditam textos do pedagogo alemão, completando-se quase o conjunto da obra nesses três documentos. Em 1971, Hofmann edita alguns manuais didáticos compostos por Ratke, sob o título “O Texto Escolar de W. R”. Em 1974, Scheibe publica documentos educacionais do século XVI ao século XX, sob o título “Sobre a História da Escola Pública”, em dois volumes, nos quais inclui o “Regulamento de Weimar” e o “Regulamento de Gotha”, este elaborado por discípulos de Ratke, em 1642.

Por último, Schmidt reedita em 1994 o livro de Ratke “O Tratado da Ética para as Escolas Cristãs”, apresentado pelo editor:

“O padrão ético de Ratke aparece ligado intimamente às atividades mercantis da cidade de Amsterdam. (...) No livro, colocam-se questões urgentes: Como, neste mundo é possível um comércio ético (isto é, livre comércio)? (...) O que se deve fazer para trazer à harmonia a consciência e o comércio exterior? De um lado, comportar-se conforme os desígnios de Deus e, de outro, executar tarefas e obrigações públicas que se desviam de concepções ligadas à tradição? A ética de Ratke é uma tentativa para dar resposta solícita e bem fundada a essas questões” (Schmidt, 1994, Posfácio, p. 398)

As propostas de reformas pedagógicas e políticas tiveram o objetivo de unificar a nação alemã. Sua vida transcorre em meio às lutas político-religiosas e durante a Guerra dos Trinta Anos, seqüência das lutas camponesas e da Reforma. As causas e, ao mesmo tempo, o fracasso do primeiro grande levante nacional do povo alemão foram a desunião das províncias autônomas. Enquanto se formavam as nações na Europa, o naufrágio das guerras camponesas aprofundou a desunião na Alemanha. A Reforma obteve êxito ao limitar o domínio de poder da igreja católica na Alemanha e ao quebrar sua hegemonia, mas quem colheu os frutos foram apenas os príncipes que aumentaram seu poder político e econômico e, com este aumento de soberania, resistiram às tentativas de criar um estado nacional alemão.

Após as guerras camponesas, a Alemanha diminuiu o poderio econômico. As rotas comerciais deslocaram-se em prejuízo das províncias de língua alemã. O comércio retrocedeu e a outrora poderosa Hansa desmoronou. O feudalismo começava a ser abolido na Europa Ocidental, mas consolidava-se especificamente nas províncias alemãs orientais. Isso significou retrocesso político e econômico. As províncias fizeram guerras para estender seus domínios, sob o pretexto religioso; isso colocava um freio ao desenvolvimento das forças produtivas da agricultura e do comércio.

Um movimento progressista só podia iniciar-se na Alemanha com muitas dificuldades sob as condições econômicas, em começos do século XVII. A luta política de Ratke contra os males da ordem feudal e contra o clero de confissões religiosas foi uma consciente rebelião contra as condições existentes, mas a realização de seus audaciosos planos foi condenada ao naufrágio. Não se fará aqui uma análise sobre o insucesso das principais idéias políticas de Ratke. Afirma-se, apenas, que ele estava na primeira fila dos combatentes.

Ratke nasceu em Holstein, em 1571. Filho de “honrados burgueses”, como consta em sua certidão de nascimento, cursou a Universidade de Rostock. De 1603 a 1610 permaneceu em Amsterdam. Holanda, libertada do absolutismo espanhol, tornou-se em pouco tempo um Estado-nação burguês, sendo denominado por Marx como a nação modelo do capitalismo, no século XVII. (MARX, 1973, p. 791). Era também a nação que acolhia a ciência progressista e a cultura. Foi ali que criou a sua reforma da educação e da vida social.

De 1611 a 1612, Ratke permaneceu em Frankfurt e em Estrasburgo, cidades importantes, burguesas e livres. Ali parecia poder atuar com autonomia, mas não sentiu muito interesse e compreensão pela sua reforma educacional. Lança o Memorial de Frankfurt, o primeiro dos quase 30 escritos de sua obra.

Três pontos principais contêm o Memorial.

O primeiro ponto trata de uma reforma global do ensino da língua. A língua materna, diz ele, deve ser erigida na língua das ciências e das artes. As estrangeiras só devem ser ensinadas após o aluno ter o domínio de sua própria língua. A secundarização do antigo domínio do latim significava também a subordinação do monopólio feudal-eclesiástico da cultura e a realização de uma global educação nacional.

O segundo ponto trata de introduzir um sistema educacional à base formativa de uma “escola alemã”. Essa escola deveria instruir todos os jovens, de ambos os sexos, nas ciências e nas artes.

O terceiro ponto refere-se à relação entre a educação e a sociedade. O Memorial promete um programa educacional em prol da unidade política, cultural e religiosa da Alemanha.

O manifesto despertou a atenção de muitos sábios e de alguns príncipes e professores. Apareceram, logo, os opositores, principalmente o clero de todas as confissões. Ratke obrigou-se a fazer um esclarecimento porque a Dieta do Império não aceitava as suas idéias, os fervorosos luteranos tradicionais colocaram-se contra o Memorial e os nobres não queriam uma educação para o povo. A pedido de seu amigo Lippius e de alguns príncipes, Ratke torna pública uma segunda explicação, cinco dias depois. Os esclarecimentos sinalizam a enorme polêmica que causou o pequeno Memorial. Neles aparecem além de questões básicas já ventiladas acima, outras que seriam debatidas durante toda a sua vida, como a unificação das religiões cristãs; as polêmicas entre as seitas, luteranismo, calvinismo e catolicismo; e a substituição, no ensino, de livros clássicos por livros escolares.

O Memorial não se coloca entre seus melhores escritos, mas foi o primeiro deles, a anunciar uma nova mentalidade política e educacional e foi o texto, embora pequeno, que provocou tantas polêmicas que cresceram e se alastraram por toda a sua vida. Com o Memorial, em 1612, iniciaram-se, também, as lutas de Ratke para realizar seu projeto educacional e seu novo método de ensinar, as quais só terminaram em 1635, com sua morte. Teve que enfrentar adversários poderosos, prisão, incompreensões, ironias e insucessos. Para ele, o novo se introduzia com muita dificuldade. A razão estava vencendo, mas o velho ainda não havia desaparecido. Mantinha, no entanto, o seu primeiro lema: Ratio vicit, vetustas cedit. Os outros dois lemas, várias vezes contidos em seus escritos, sustentaram-lhe as forças e as convicções: “Nenhuma criança sem escola” e “É fácil aprender”.

MEMORIAL DE FRANKFURT - 7 de Maio de 1612, conforme o calendário do reino alemão.

Wolfgangus Ratichius, com a ajuda de Deus, para o bem do serviço de Deus e do conforto de toda a cristandade, dá a conhecer as orientações seguintes:

- como o hebreu, o grego, o latim e as demais línguas podem ser aprendidos em muito pouco tempo e de forma fácil, tanto pelos jovens como pelos velhos, ser mantidos e progressivamente propagados;
- como não somente em alto alemão mas também em todas as línguas do mundo, se pode preparar um ensino pelo qual todas as artes e todas as faculdades podem ser estudadas minuciosamente e difundidas;
- como, em todo o reino, podem ser introduzidos e confortavelmente conservados uma única língua, um governo uno e também uma só religião.

Posso comprová-lo, demonstrando-o através de exemplos aplicados à língua hebraica, latina, siríaca, árabe, grega, caldéia e ao alto-alemão. A partir desses exemplos, pode-se fazer basicamente uma idéia sobre toda a obra.

ESCLARECIMENTO

Em todas as escolas existentes no reino ocorre o uso geral de as artes e faculdades ministrarem em primeiro lugar a língua latina, depois o grego, a seguir, embora muito pouco, o hebreu, utilizando-se múltiplas lições e variados livros. Isso resulta em que a juventude é instruída à força e somente consegue aprender através de muita fadiga e muito labor.

Utilizam-se os seguintes principais recursos na aprendizagem da juventude: em primeiro lugar exige-se que aprendam de cor lições diversas e as repitam muitas vezes. Depois, é preciso aprender a verter o alemão para o latim, o latim para o grego etc. e, por fim, realizar cotidianamente muitos exercícios e tarefas práticas.

Tal uso e os recursos empregados devem ser não somente superados mas deve-se também demonstrar que são prejudiciais e produzem efeitos desconfortáveis. Embora tais meios sejam muito utilizados em nossa época, na realidade, ficam longe de se entender como são a ajuda de Deus e a sua verdade. Especificamente, esses recursos são contrários à natureza e à língua.

A correta utilização, seguindo o curso da natureza, indica que a cara juventude, em primeiro lugar, aprenda corretamente a língua materna que, para nós, é a língua alemã; aprenda a falar e escrever sua própria língua a fim de que possa entender melhor as outras. Para isso, o melhor meio é a bíblia.

A seguir, é preciso ministrar e fielmente aprender a língua hebraica porque é a mãe de todas as línguas e o berço da escritura santa. Em terceiro lugar, a importância recai sobre a língua grega, a língua do Novo Testamento, a fim de que a cara juventude possa ler, entender e seguir a palavra e a vontade de Deus.

Em quarto lugar, deve-se aprender o latim com alegria e divertimento a partir das comédias de Terêncio. Nesta língua, pode-se estudar e entender melhor as leis (lura) a partir das Instituições de Justiniano.

São as quatro línguas principais. Delas nasceram quase todas as outras. Nessas quatro devem ser aprendidas e divulgadas todas as coisas. Tudo o que nelas aparece como honrado deve ser seguido em nível espiritual e temporal.

Quem, no entanto, tem a intenção de compreender mais e aprofundar os conhecimentos da bíblia, deve estudar a língua hebraica;

para entender o Antigo Testamento, há de estudar a língua caldéia; e para compreender o Novo, deve estudar a língua siríaca. Todas essas línguas - alemão, hebreu, caldeu, siríaco, grego e latim - podem ser ensinadas e propagadas com proveito a partir dos livros acima nomeados. Quando, porém, se estuda a gramática numa língua, através de um método uniforme, como eu estou orientando, então também as outras línguas devem ter o mesmo formato. Dessa forma, não haverá nenhuma dificuldade no aprendizado.

Aqui deve-se compreender que as artes e as faculdades não estão ligadas a nenhuma dessas línguas e estas não estão ligadas propriamente a nenhuma daquelas. Os caros alemães de nosso tempo dispõem - Deus seja louvado! - não somente da luz natural mas também dos Evangelhos que são o verdadeiro conhecimento de Deus. Assim, o que falta nos livros e nos homens sábios pode ser agora anunciado plenamente nas escolas de alto-alemão. Isso melhora e eleva a língua alemã e a nação. Doravante, o filósofo pode ensinar sua filosofia em língua pátria, o que fazia antes em latim e grego. Deve descobrir um vocabulário para redigir seus temas nessa língua e criar termos que definem ordenadamente as artes a fim de que possam ser utilizados adequadamente.

Os estudantes de direito, provenientes de toda parte, podem aprender em língua alemã e estudar nessa mesma língua o Corpus Iuris elaborado conforme a palavra de Deus e eliminar tudo o que é conservado no Império e é contra a justiça.

Também o médico pode cuidar do corpo e curá-lo, utilizando o conhecimento em língua alemã, um conhecimento atualmente contido, em grande parte, em grego e árabe. Ele não consegue decifrar o conteúdo porque, muitas vezes, não tem acesso à maior parte dessas línguas.

Os teólogos também não terão muitas disputas se a palavra de Deus for interpretada somente conforme a palavra de Deus e não através de opiniões, e como costumam agir os ateus e os amaldiçoados neste mundo insensato. Pois, se velhos e crianças, jovens e adultos, mulheres e homens conversarem pessoalmente com Deus, lerem e compreenderem a sagrada escritura em língua hebraica e grega, tão facilmente ninguém os enganará e nada de estranho os seduzirá. Quando forem suspensas as polêmicas e as glosas sobre a bíblia, então o velho ensino católico e apostólico poderá permanecer límpido, sem ser falsificado, puro e único, em todo o reino e poderá ser mantido em paz.

Todas essas coisas, porém, não se deixam facilmente explicar num escrito rápido. Estou decidido a tornar possível um informe a todos os que gostam da verdade, sem me referir a uma única religião. Será um informe aprofundado e verbal dentro de minhas modestas possibilidades. Iniciarei, assim, uma obra para o bem da nação alemã a qual conduzirá à reconciliação com Deus. Isso quando eu confeccionar os manuais e tiver o apoio de colaboradores.

INFORME BÁSICO E CONSISTENTE SOBRE MEU MEMORIAL

de 17 de maio de 1612 do calendário gregoriano, redigido e apresentado conforme o desejo de altas personalidades, a fim de impedir qualquer falsa interpretação facciosa.

Inicialmente, não pude dar uma orientação sobre cada medida, aspecto e ponto de meu projeto global. Não que eu vá assumir sozinho uma tal tarefa imensa e executá-la. Só posso expressar melhor o que pretendo realizar, conforme expus no Memorial, quando puder obter a ajuda do reino para a confecção de manuais e colaboradores.

Quando escrevi que as línguas mencionadas podem ser ensinadas em curto espaço de tempo, este julgamento não é absoluto. É preciso interpretá-lo em relação ao que se pratica atualmente e levar em consideração duas palavras: aprender e propagar. De outro lado, deve-se observar que meu ensino de cada língua (quero dizer que isso ainda não está sendo feito no ensino das escolas atuais) permite não somente uma aprendizagem fácil, mas que o próprio aluno pode dar continuidade a seus estudos a partir de minha orientação. Em todo caso, nesse domínio como em outros, a aprendizagem durante toda vida humana não basta para se chegar à perfeição.

Em relação a um outro ponto, exatamente como as artes e as faculdades podem ser traduzidas e ensinadas em todas as línguas, há que se admitir que as artes liberais, conforme sua arte e sua propriedade, podem ser expostas mais clara e compreensivelmente e com maior gosto numa língua mais do que em outra. Por isso, é preciso que, para o alto alemão, haja uma maior investigação e uma maior exame a fim de que o ensino se torne mais agradável e mais barato. Aquele a quem, entretanto, tal obra alta e significativa causar obstáculos, deve com razão ser avaliado a partir de seu empenho e do sucesso apresentado em seu empreendimento.

O terceiro ponto consiste em três partes. A primeira trata como introduzir tranquilamente no reino uma língua unitária, isto é, como podem se habituar ao alto alemão os saxões, francos, suábios, turíngios, etc. e unanimemente podem utilizá-la. Isso eu pretendo alcançar através das escolas alemãs.

Para conservar a majestade e o desenvolvimento do reino e da nação, é necessário empregar a língua alemã. Assim também na Câmara Imperial e nas instâncias de justiça deve ser utilizada a língua alemã de Lutero. Todos os alemães devem amá-la porque a Bíblia foi traduzida por Lutero nessa língua. Já existem livros e obras que foram traduzidas para o alto alemão. Nós podemos fazer valer nossa língua. Os povos estrangeiros divulgam sua língua materna quanto podem. Alguns deles servem-se para apresentar as artes liberais. Enfim, os embaixadores estrangeiros servem-se de sua própria língua materna para se expressarem com mais segurança.

É preciso introduzir no reino uma polícia e uma administração unificadas, fazer validar um Corpus Iuris em que se eliminem os textos atualmente inúteis e fazer desaparecer os abusos inumeráveis num ou noutro domínio, conforme a direção dada pela escritura santa que recomenda a justiça.

Trata-se, também, de manter uma religião unificada. Querer unificar as religiões contrárias e compará-las não significa cultivar uma atitude condenável e anti-cristã, mas significa demonstrar o erro e a ilusão da astuciosa pretensão do Interim de Regensburg ou incorrer no erro dos recentes teólogos de Heidelberg que, como outros pretensos sábios, têm a audácia de conciliar a luz e a obscuridade, Cristo e Belial. Quero dar os meios que permitem, o quanto possível, demolir, com a graça de Deus, os papistas, calvinistas, arianos, schwenkeldienst e anabatistas. Quero introduzir um meio que permita elevar a palavra de Deus, a pura, verdadeira e apostólica religião luterana, de forma eficaz a fim de preservá-la e fazê-la prosperar.

Entre esses meios é preciso preparar aqueles que mantêm um pensamento firme contra os inimigos da religião e contra todos seus adversários: o importante é que, na instrução dos jovens, não devem mais ocorrer análises e explicações originadas dos santos padres da igreja ou de outros teólogos mas somente uma explicação autêntica da escritura santa. O temor e o respeito a Deus fazem alcançar este fim principalmente quando se tem adesão total a Ele. Por isso é preciso conhecer as línguas e através delas, o Antigo e Novo Testamento. Por meio deste estudo, encontrar-se-ão não mais do que duas ou três normas simples de litúrgia com os papistas.

Os clássicos escritos dos santos padres e dos teólogos daqui para frente não serão mais admitidos se eles não concordam com a palavra de Deus. Assim, é preciso realizar o exame crítico desses escritos e de seus comentários antes de utilizá-los. E é preciso corrigir os erros em cada língua e na maioria dos exemplares. É preciso utilizar obras especificamente úteis, como as de Lutero, Brenz(ius), Jacob Andrea, Chemit(ius), Hunn(ius), Felipe Nicolai, etc. e de outros mestres que têm clareza nos seus escritos. Se estas obras forem utilizadas no momento oportuno, serão muito úteis. O dom de explicar a palavra de Deus, em acordo com a escritura santa, difere para cada um, mas o Espírito Santo dotou cada servo seu de qualidades particulares.

O que se encontra quase ao final do Memorial com respeito a saber qual é o recurso da língua hebraica, onde se afirma que se pode conversar com Deus, pode haver ali uma palavra que dê uma idéia capciosa, mas ali está a minha opinião e não outra. Isso se afirma porque se pode compreender a natureza de Deus e sua vontade nas línguas nas quais Deus se manifestou e se explicou por intermédio dos profetas e dos apóstolos, melhor do que na tradução dessas línguas. Deus conhece tanto uma como qualquer outra

língua; para nós é mais importante conhecer sua palavra com mais precisão e agudeza tanto nas suas qualidades quanto nas suas propriedades. Assim, a língua grega e a hebraica são melhores do que sua tradução em outra língua.

O que escrevi sobre jovens e velhos, quero dizer que não faço diferença entre eles. Para ambos é fácil aprender. Não foi possível discorrer sobre cada caso em particular na apresentação do Memorial, mas desde que se tenham à mão, como se deseja, pessoas de confiança, pessoas sábias na religião pura ensinada em língua alemã, poder-se-á fazer a explicação em formas mais acessíveis e mais claras. Os meus meios de ensinar incluem menos horas de estudo e tempo mais curto para a aprendizagem. Conforme minha vontade é que as pessoas entendam com mais clareza meus pontos e minha forma de ensinar a religião e a língua alemã. Estou ansioso para começar a ensinar os corações cristãos, principalmente os que estão inclinados ao mal a fim de que tenham uma interpretação melhor da palavra e entendam o que não sabiam antes e evitem de ouvir interpretações estranhas. Os que, infelizmente, estão abandonados neste mundo cruel e os que são ateus, trabalho para que possam encontrar o ponto de apoio e se converter. Por isso, estou realizando esta tarefa.

Sem uma escola perfeita em alto alemão, a língua e a nação alemãs não podem ser desenvolvidas e melhoradas. Àqueles que poderiam incorrer em erro e se enganar, deve-se mostrar a arte de aprender corretamente as línguas e trazer à luz a gramática e livros que seguem o curso da natureza.

Quanto aos pontos que restam explicar devem as pessoas aconselharem-se com pessoas sábias que lhes explicarão tudo o que é necessário.

Que Deus todo poderoso confirme a boa obra realizada por amor de seu nome, para honra e glória e para louvor de melhoria de toda a cristandade e particularmente para a elevação de nossa querida pátria, a nação alemã, pela vontade de seu Filho muito amado, Jesus Cristo. Amém. Wolfgang Ratichius.

(O Memorial foi traduzido do texto alemão que se encontra no livro de Hohendorf "Die Neue Lehrart. Paedagogische Schriften Wolfgang Ratkes" (A Nova Arte de Ensinar. Textos Pedagógicos de W. R.), Berlim, coleção Zerbster Ratichiana, C. 18, nº 33, p.49-56).